





Novos Cadernos NAEA

v. 29, n. 1 • jan-abr. 2026 • ISSN 1516-6481/2179-7536



CAMADAS SOBREPOSTAS PELO TEMPO: A COMPLEXIDADE COMUNICACIONAL DA PRAÇA DA SAUDE EM MANAUS-AM

**LAYERS SUPERIMPOSED OVER TIME: THE COMMUNICATIONAL
COMPLEXITY OF PRAÇA DA SAUDE IN MANAUS, AMAZONAS**

Gabriel de Andrade Ranciaro  

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a complexidade comunicacional da Praça da Saudade em Manaus/Am, considerando seus aspectos históricos, as reformas e significados concebidos pela população local. Para dar conta desse universo investigativo, a pesquisa se propôs ao seguinte percurso: contextualizar pela pesquisa documental os fatores emergenciais que contribuíram para o surgimento da Praça da Saudade; interpretar as camadas históricas e simbólicas que constituem o ecossistema comunicacional da praça; e analisar as narrativas midiáticas sobre a Praça da Saudade, tendo por base as reformas urbanísticas do local. Foi esse caminho percorrido que nos permitiu compreender: as diferentes camadas de memória sobrepostas pelas reformas; e a designação simbólica subjacente ao ecossistema comunicacional da praça. A exemplo de uma arqueologia, tais escavações simbólicas, somaram-se à elaboração de gráficos e painéis de notícias que, no conjunto dos fatos, formam o repertório interpretativo do que vem a ser, em si, a complexidade comunicacional da praça. Trata-se, portanto, de uma abordagem interdisciplinar que combina teoria da comunicação, história e urbanismo, identificando-se, a partir daí, as cinco reformas que alteraram o uso e, ao longo do tempo, o sentido comunicacional atribuído à praça. Não obstante, o artigo destaca a importância da participação popular na gestão democrática dos espaços públicos e propõe uma reflexão sobre o papel do planejamento urbano na preservação da memória e da identidade cultural da cidade de Manaus/AM.

Palavras-chave: praça; espelho mídia; reforma urbana; saudade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the communicational complexity of Praça da Saudade in Manaus, Amazonas, considering its historical aspects, the urban reforms it has undergone, and the meanings attributed to it by the local population. To address this investigative scope, the research followed the following path: to contextualize, through documentary research, the emergency factors that contributed to the emergence of Praça da Saudade; to interpret the historical and symbolic layers that constitute the square's communicational ecosystem; and to analyze media narratives about Praça da Saudade based on the urban reforms carried out at the site. This trajectory made it possible to understand the different layers of memory superimposed by the reforms, as well as the symbolic designation underlying the square's communicational ecosystem. Similar to an archaeological process, such symbolic excavations were combined with the development of graphs and news panels which, taken together, form the interpretative repertoire of what constitutes, in itself, the communicational complexity of the square. It is, therefore, an interdisciplinary approach that combines communication theory, history, and urbanism, identifying, from this perspective, the five reforms that altered both the use of the space and, over time, the communicational meanings attributed to the square. Furthermore, the article highlights the importance of public participation in the democratic management of public spaces and proposes a reflection on the role of urban planning in preserving the memory and cultural identity of the city of Manaus, Amazonas.

Keywords: square; media mirror; urban remodeling; saudade.

1 INTRODUÇÃO

Para além da relevância do tema no âmbito do meio acadêmico, o objetivo central deste artigo é o de revelar a complexidade comunicacional que os estudos interdisciplinares em torno da Praça da Saudade de Manaus/Am são capazes de evidenciar. Com intuito de abarcar esta particularidade, certificou-se da necessidade quanto a analisar temas com vistas a compreender os aspectos e abrangência da complexidade comunicacional, identificando-se os contornos e nuances do sentimento *saudade* como designação intrínseca à nomenclatura da Praça. Foi por via desse exercício que se deu ênfase à compreensão acerca da particularidade histórica da Praça da Saudade de Manaus, desde a inauguração do logradouro à formulação de uma contra narrativa ao que é veiculado localmente em portais de notícias a respeito desse espaço público.

As mudanças ocorridas no cenário arquitetônico podem expressar os diversos desejos de cidade cujos marcadores simbólicos acompanharam a história da Praça da Saudade. Desejos, sonhos, frustrações se expressam através das camadas e se comunicam como um rizoma. Por essa via, este estudo identificou que os desejos de cidade se espraiam formando espécies de camadas cujos estratos são resultantes das temporalidades registradas na memória coletiva. E estas camadas por agregarem *processos multifacetados* (Morin, 2005) estão sempre interligadas a certas complexidades que vão sendo fixadas em detrimento das incerteza e ambiguidades ocorridas em meio às interações humano-comunicacionais.

Para Morin (2005) é em meio a essa complexidade resultante da coexistência dos opostos – ordem (entendimento) e desordem (ruído, erro) – que se fundam as relações dialógicas. É uma espécie de acordo tácito em que para se preservar “a ordem é preciso lidar com a desordem”. Nesse contexto, o princípio dialógico se sobrepõe superando as possíveis diferenças ocorridas por via dos erros ou ruídos comunicacionais. Assim, de acordo com Bahia et al. (2014), a praça pode ser um espaço de memória coletiva, onde as pessoas se reúnem para lembrar de eventos importantes da história da cidade. Contrário a isso, as transformações abruptas de um espaço público como local de memória podem afetar a forma como as pessoas interagem com esse espaço, pois ele se torna um lugar de valorização popular imprimindo, como isso, significado cultural e histórico atribuído à praça.

A respeito disso, podemos antecipar que a concretização deste estudo se deve a dois fatos que se constituíram como verdadeiros caminhos percorridos metodologicamente, a saber: o primeiro diz respeito à Praça da Saudade, cujo contexto compõe um marco na história da cidade, logo, para o completo entendimento acerca dos acontecimentos tornou-se imprescindível analisar a totalidade de fatores a ela inerentes, ou pelo menos os principais pilares envolvidos por essa construção que a sustentam; o segundo aspecto trata da visão ecossistêmica, entendendo-a como uma processualidade ou seja, é impossível isolar a praça do seu entorno, da sua história, da representação midiática refletida sobre esse espaço e/ou da memória local e do sentimento que dá nome à praça: a *saudade*. Estes são os elementos estruturantes que compõem o complexo ecossistema e nos quais se fincam os pilares da presente pesquisa, permitindo-nos interpretar e compreender os sentidos e significados atribuídos à Praça da Saudade na cidade de Manaus-Amazonas.

O olhar ecossistêmico sobre a praça impulsionou essa compreensão sensível; uma outra proposta, que se encaixa aqui também como uma contra narrativa ao espelho mídia, uma vez que nos propomos olhar para estas histórias soterradas sob “pisos de cimento”. Portanto, trazer o passado ao fluxo do presente é de profícua importância, pois, neste aspecto, se promove uma contrapartida aos processos midiáticos que são capazes não só de esvaziar ruas, implantando o medo ao instaurar o pânico, mas também dessecá-las de sentido e significado. Dentre outros aspectos, esse foi um dos fatos a respeito do qual se consolidaram os motivos que nos levaram a pesquisar os meandros históricos da praça e o potencial que o espaço agrega ao gerar extremos, sobretudo em face das entropias cujas desordens afastam e/ou seduzem as pessoas.

A propósito da abordagem que envolve essas múltiplas dimensões cabe esclarecer que para além da abordagem documental, ao longo do mestrado, a pesquisa se estendeu aos usuários desse espaço com vistas a dar voz aos que não são ouvidos. Neste aspecto, trata-se dos *desviantes* que, de acordo com Becker (2008), tal termo, emprestado da antropologia, permite ao pesquisador tomá-lo como categoria analítica visto que ela própria serve para mensurar as variantes estabelecidas por meio da interpretação acerca do *desvio* como forma de julgar; rótulo, este, imputado pela sociedade ao comportamento *desviante* atribuído a certos indivíduos que, neste caso, utilizam a praça de forma contrária ao que o senso comum convencionou estabelecer. Assim, a pesquisa assume caráter transdisciplinar, uma vez que

não isola ou se fecha em si mesma, pelo contrário, busca-se uma compreensão cuidadosa, que, contrário a padrões ou regras de comportamento impostos, reflita acerca dos sentimentos depositados pela sociedade abrangente como o próprio olhar ecossistêmico propõe. Enfim, trata-se, pois, de uma forma de comunicação que se articula em meio à construção da unidade como síntese da coexistência entre os opostos.

Para tanto, necessário se faz agregar saberes que, na essência das coisas, adicionem ao conhecimento científico, novas atitudes reflexivas evocadas no campo da transdisciplinaridade com ênfase nos chamados estudos culturais. Sobre essa ordenação lógica do método indispensável à investigação, Domingues (2001) sugere que a pesquisa esteja sistematicamente apoiada em metodologias inovadoras capazes de influenciar nos diferentes campos do conhecimento ao oferecer outras perspectivas, com propósito de superar as pseudodicotomias e afastar as falsas imagens criadas a partir dos discursos midiáticos.

Não obstante, essa dinâmica proposta por Domingues (2001) vai ao encontro dos pilares reponsáveis por sustentar o pensamento ecossistêmico que, por não isolar os fatos, busca através do conhecimento compreender as contradições inerentes ao objeto investigado. Isto sugere também enveredar pela emersão de uma literatura que permita desvendar os fenômenos inerentes à Praça da Saudade, a exemplo de uma planta soterrada, cujas folhas, tronco, cores e formas, sugerem certa escavação para que se tenha ou se desvende a árvore por completo. Assim foram ofuscadas as raízes da praça até então soterradas, ofuscadas. É, pois, através da pesquisa arquivística e/ou do registro e interpretação dos dados capturados pela memória coletiva que se pode interpretar e atribuir sentido e significações ao objeto ora analisado.

De forma objetiva, Góes (2016) menciona dois importantes aspectos a serem analisados sob a perspectiva ecossistêmica, sobretudo quando se trata de estudos da comunicação argumentados por pesquisadores na Amazônia. O primeiro se refere ao contexto enquanto elemento chave para a compreensão do fenômeno comunicativo. O outro aspecto diz respeito às relações como mediadoras na atuação das diferentes camadas sobrepostas pelo tempo e engendradas pelas revitalizações propostas.

Para esse alcance, o método de abordagem desta pesquisa é qualitativo, afinal, não cabe aqui medir os resultados obtidos, mas, sim, compreendê-los e interpretá-los, portanto, são os métodos de abordagem que proporcionam sistematizar as bases lógicas da investigação. Os métodos

de procedimentos são os que permitem traçar os meios técnicos da pesquisa, auxiliando o pesquisador a alcançar seus objetivos. Assim, ao longo do mestrado procedeu-se ao levantamento documental, cuja pesquisa acessou diversas instituições que detêm registros históricos sobre a praça. A técnica da entrevista aberta fez-se também necessária, visto que a observação direta e sistemática permitiu enriquecer e aprofundar as análises acerca do ecossistema comunicacional, assim como tal interpretação dos dados coletados suscitaram novos sentidos atribuídos à própria cultura local.

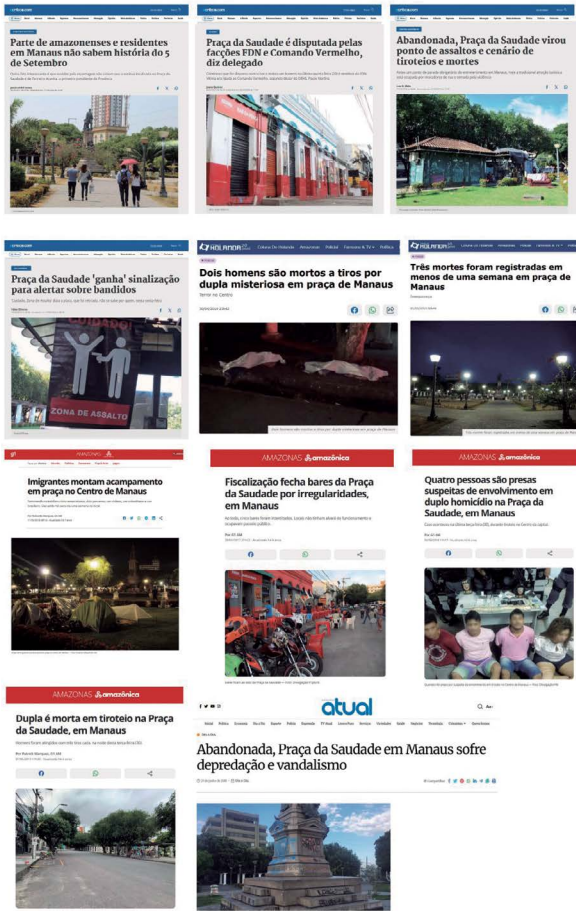
Dessa forma, tanto a pesquisa arquivística quanto o resgate da memória coletiva, ambas articuladas entre si suscitaram estabelecer uma contra narrativa acionada pelo espelho mídia cujas notícias estigmatizadoras são projetadas sobre a Praça da Saudade, rotulando-a, portanto, como um espaço de violência, perigo, medo, entre outros aspectos a serem analisados nos subitens a seguir.

2 CONTRANARRATIVA AO ESPELHO MÍDIA

Dar conta de reestruturar o invisível, aos olhos de um atento observador isto pode revelar-se como processo complexo de justaposição de memórias, histórias, notícias e reformas urbanas passadas. A Praça da Saudade, triste e cruel, como descrita nos jornais da cidade, não faz ideia da secreta felicidade escondida por entre olhares de quem a vive. Para cada camada da praça, existe uma cidade invisível, sepultada. Capturadas pelo espelho mídia, estas cidades são outras cidades distorcidas e, portanto, diferentes. Todavia, trata-se da mesma cidade, ou seja, é uma porção dela mesma fragmentada e, por assim dizer, reduzida e simplificada.

Então, tais situações, ao sussitarem certa motivação, converteram-se em um problema de pesquisa articulado a uma série de notícias veiculadas em jornais locais que noticiam a praça como um lugar abandonado, perigoso, sujo, servindo como palco para tráfico e uso de drogas, prostituição, consumo de álcool, moradia para pessoas em situação de rua, assaltos, tiroteios e uma série de assassinatos. A Praça da Saudade em Manaus é vista pela mídia a partir desta narrativa que simplifica ou reduz sua história e memória à violência dos dias de hoje, como registrado nas respectivas imagens a seguir.

Figura 1 – Painel com diversas manchetes de portais locais (Manaus-AM), noticiando assaltos, assassinatos, tiroteios, invasões, pichações, facções de tráfico e esquecimento da sua história.



Fonte: Elaborada pelo autor (2025), com base em recortes dos portais A Crítica, Portal G1, Portal do Holanda e Amazonas Atual (2017-2020).

Algumas destas notícias reforçam a ideia de abandono e violência. Entretanto, uma notícia, entre todas, causa certo destaque ao tomar outro rumo, como sugere o título da matéria jornalística: “Parte de amazonenses e residentes em Manaus não sabem a história do 5 de Setembro”, conforme registro no Portal Acrítica (Nunes, 2017). Surpreendentemente, ao invés de reforçar a violência, esta matéria – que poderia ser esclarecedora acerca dessa data – provoca certo estranhamento ao espaço em meio ao qual está imerso o monumento em homenagem a Tenreiro Aranha, fazendo alusão a

elevação do Amazonas à categoria de Província por ele instituída na data que registra o respectivo evento histórico. A propósito disso, a presente pesquisa constatou que a maioria das pessoas entrevistadas desconhece a designação oficial atribuída à nomenclatura: Praça 5 de Setembro. Esses dois elementos, ou seja, o desconhecimento das pessoas acerca de tais fatos e a suposta sutileza noticiada pelo Portal Acrítica serviram como pedra de rumo para a compreensão acerca da contra narrativa acionada pelo espelho mídia.

Aliás, foi por essa via da observação direta e sistemática que a pesquisa se inclinou em desvendar o que estaria mascarado, latente, mal iluminado e ofuscado sob o ponto de vista desses marcadores simbólicos que “ornamentam” a Praça da Saudade na cidade de Manaus. Trata-se de fragmentos das temporalidades midiáticas que, no conjunto dos fatos, fomentam o espelho mídia, pois de acordo com Duarte (2006):

Não se trata aqui de uma informação visual apenas, mas de uma informação conceitual, uma construção imaginária complexa montada a partir de fragmentos de realidade midiática que apontam para um sentido. O conjunto de referências visuais sonoras, impressas, de expressões culturais das mais diversas: críticas, elogios, escândalos, belezas naturais, noções de cidadania que geram imagens de aspectos da cidade. As múltiplas imagens dos múltiplos aspectos também condensam impressões, referências, sentidos, que, por sua vez, no seu conjunto, gera uma imagem de toda a cidade (Duarte, 2006, p. 107).

Tais dados conceituais, acima identificados por Duarte, seja pelas vias de associações ou controversas, ao imprimir imagens que fomentam a totalidade do espelho mídia, tal quadro analítico parece retratar apenas uma parte da totalidade implícita nos aspectos que permeiam a Praça da Saudade e seu entorno. O caldo midiático escorre rumo aos interesses que, no contraponto do noticiário alternativo e/ou educativo, visam alcançar audiência ao expressarem o desejo pela violência, pelos escândalos, pelo sensacionalismo. Estes artifícios emergem como uma hiperdimensão dentro da cidade e se comunicam através de diversos canais. Assim, o espelho mídia afunda-se em meio à própria desvalorização da vida, uma vez que não há fidelidade no reflexo que relata ou produz tais imagens.

Ademais, ao construir o conceito sobre a categoria *espelho mídia*, aqui tomada como referência analítica, o autor utiliza-se da metáfora relativa à fábula de “Alice no País das Maravilhas”, interpretando-a da seguinte forma:

Um espelho no qual o reflexo da cidade será a projeção de aspectos possíveis numa dimensão temporal do desejo. Possíveis porque são

reais na dimensão do desejo projetado, na intenção formatada de cada reflexo, na proposta criada em cada expressão. Não há reflexos fiéis no espelho mídia. Ele sempre refletirá circunstâncias do desejo de grupos que se expressam e ajudam a construir a imagem conceitual que emerge (Duarte, 2006, p. 107-108).

A imagem conceitual que emerge sobre a praça reflete de maneira estigmatizadora o conjunto de ações infratoras cometidas por desviantes. E o que interessa ao Estado é o pânico que causa esvaziamento. Nas notícias atuais veiculadas sobre a Praça, o *desvio* presente no logradouro público é sinal de ameaça a segurança, é sinal de alarme para os assaltos, homicídios e tráfico de drogas. Este sistema imaginário complexo agrega materialidade em uma das notícias registradas na Figura 1, intitulada “Praça da Saudade ‘ganha’ sinalização para alertar sobre bandidos”, matéria esta divulgada através do Portal A Crítica (Oliveira, 2017).

Ao agregar tais valores à Praça, o método científico alicerça a importância de se preocupar em estudar o chão em que pisamos. Por camadas, aqui entendemos como metáfora e método para estabelecer *outros* saberes e conhecimentos que permitam romper com o caráter autoritário presente tanto na mídia como também no meio acadêmico. É transformar o estranho em familiar; aproximar a comunidade da ciência numa contra narrativa ao senso comum.

A Praça da Saudade, por estar diretamente ligada à sua progenitora, a Necrópole São José, e, em que pese a subjetividade dos fatos, ela própria agrega espíritos e energias soterrados, que precisam ser respeitados. A doação daquele *terreno santo* ao Atlético Rio Negro Clube comprova um movimento inverso ao que se diz necessário para a modernização da cidade. A subordinação da mídia aos interesses do capital torna-se o veículo estimulador face ao processo do esquecimento no qual nossa história é ocultada e privada da população. Este direito à memória é negado aos habitantes e restringido aos grupos dominantes. O isolamento cultural imposto aos trabalhadores, por consequência, aos desviantes, é analisado por Chauí (1992) ao expor esta situação:

Nossa política cultural tem-se proposto a enfrentar o desafio de admitir que a cultura é simultaneamente um fato e um valor, a enfrentar o paradoxo no qual a cultura é o modo de ser dos humanos e, no entanto, precisa ser tomada como um direito daqueles humanos que não podem exercer plenamente o seu ser cultural – no caso, a classe trabalhadora (Chauí, 1992, p. 39).

O desafio acima proposto por Chauí no enfrentamento paradoxal entre a negação do direito e a possibilidade de exercê-lo é a forma da conquista desafiadora à ordem vigente. Este direito certamente permitirá aos usuários da Praça o exercício da cidadania ao molde da referência poética acerca do encantamento que se tem pela Amazônia. Na abrangência dos fatos, a conexão entre o direito exercitado e o sentido mitológico atribuído à Praça da Saudade, encontra respaldo nas análises propostas por Loureiro (1995):

Na Amazônia as pessoas ainda vêem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A vida social ainda permanece impregnada no espírito da infância, no sentido de encantar-se com a explicação poetizada e alegórica das coisas (Loureiro, 1995, p. 103).

Ao longo deste trabalho, as trilhas percorridas pelos usuários da Praça da Saudade, entre outros, os desviantes, por certo não incidirá em perdas, mas, sobretudo, em conquistas. Trata-se da capacidade artística promovida pelo espírito criativo capaz de, ao quebrar o espelho mídia, celebrar sentimentos e trazer à luz o que jaz adormecido. Andrade (2002) lança um facho de esperança desafiadora. A artista plástica aponta o percurso dessa trilha:

Por entre perdas e partilhas a arte nos convida a presentificar o ausente, tirando do visível aquilo que ele tem de invisível, pois é isso que nos leva a exprimir a saudade de um tempo que se encontra adormecido, ou que se pensa ter esquecido. Mesmo assim, não queremos apenas falar de perdas, mas, com alegria, trazer à luz o que ainda podemos encontrar nesse rico depósito de mitos e lembranças (Andrade, 2002, p. 26).

Ao quebrar o espetáculo propiciado pelo espelho mídia, o ecossistema encontra espaço e luz para iluminar os caminhos até nossas raízes. Este exercício de resgatar memórias, independente de serem boas ou ruins, possibilita a visualização destas complexas ruínas equiparadas e postas em pé de igualdade tanto nas fontes orais, baseadas na experiência empírica quanto nos autores aqui citados. Esta costura tecida entre os saberes populares com o conhecimento científico contribui para a compreensão sobre a nossa cidade, inclusive, ao desvendarmos aquelas contradições existentes no cotidiano da Praça da Saudade.

Tal propósito pode ser verificado através da captura das temporalidades objetivadas na cronologia que perpassa os 161 anos de existência da Praça

da Saudade, cujo período está aqui identificado através do que se permitiu chamar de *camadas soterradas*. Para o desvelamento dessa simbologia e do que se pode entender por ruína, a pesquisa enveredou por uma investigação acerca da história documental da Praça. Tal análise cronológica exposta no item subsequente por certo incidirá na quebra do espelho mídia, possibilitando ao leitor subverter sistematicamente a concepção prevalecente e distorcida na imaginação e memória dos habitantes da cidade, via de regra, dominados pela história oficial.

3 UMA CORONOLOGIA DOS 161 ANOS DE PRAÇA DA SAUDADE

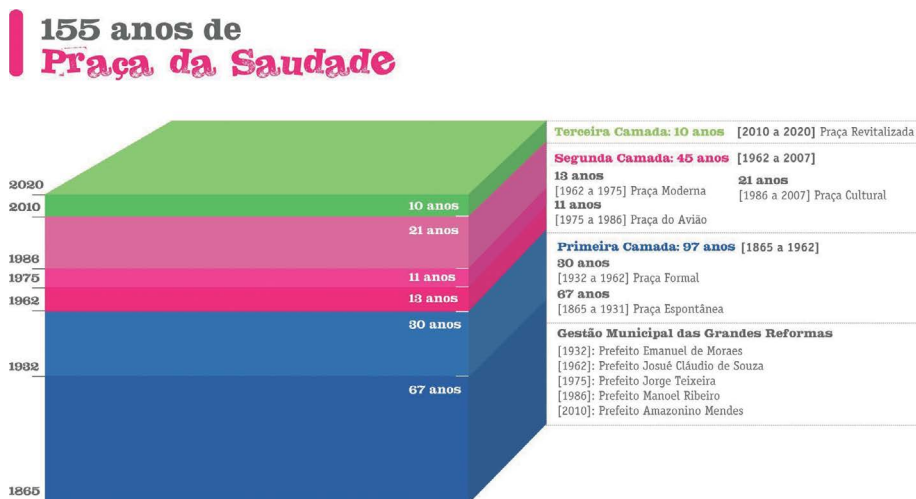
Desde a inauguração dessa praça, que se deu em 1865, de acordo com Mesquita (2006) até os dias de hoje (2026), somam-se 161 anos de Praça da Saudade. Somente em 1932 se deu por efetivada a primeira reforma com aspectos de uma praça formal (bancos, passeios, jardins entre outros), ou seja, ao longo de 67 anos a praça era apenas um descampado, embora já resguardando ou evocando na terminologia o sentimento “da saudade”. Isso porque, segundo Duarte (2009), a praça ficava localizada em frente ao cemitério São José, inaugurado em 1858.

Para facilitar o entendimento sobre as diversas temporalidades e camadas soterradas, a pesquisa divide a história da praça de acordo com as suas principais reformas, que, como veremos mais à frente, tais temporalidades vão promovendo mudanças tanto no uso quanto no sentido comunicacional atribuído à Praça, vislumbrando-se com isso as expressões de desejo da população acerca da cidade vigente.

Assim, os períodos históricos a respeito da Praça podem ser compreendidos de acordo com as três grandes reformas pelas quais passou. De acordo com registro (Figura 1), verifica-se nas extremidades: à esquerda, as datas de fundação e reformas da Praça da Saudade; à direita, informações gerais sobre cada camada e os gestores municipais responsáveis pelas respectivas reformas, conforme identificadas no gráfico a seguir.

Nos itens subsequentes, descreve-se a temporalidade da Praça da Saudade, identificando a escavação de acordo com as três gerações, aqui entendidas como *camadas sobrepostas* que, no seu conjunto, expressam os 158 anos de existência da praça.

Figura 2 – Representação gráfica das camadas sobrepostas: as reformas da Praça da Saudade no decorrer dos seus 158 anos



Fonte: Autor, 2020.

3.1 PRIMEIRA CAMADA (1865 A 1962)

A praça permaneceu durante 24 anos no período relativo ao Brasil Província (1865-1889), ou seja, foi palco da transição do Brasil Província à República. Passou 67 anos sem características de uma praça formal, cujo projeto original foi instaurado apenas em 1932, que, de forma retangular, estava dividido em 4 partes interseccionadas por uma elipse. Ainda que reconhecida oficialmente como Praça 5 de Setembro, obteve a forma de cartão postal, com caramanchões, bougainvilles e o próprio monumento a Tenreiro Aranha convergindo ao centro da praça.

Já na denominada Avenida Epaminondas, o terreno que antes abrigava o cemitério São José, posicionado de frente para a Praça da Saudade, em 1938 foi doado ao Atlético Rio Negro Clube, que no local construiu sua sede, estando até hoje ali fixado. Em 1962 o cenário paisagísticos da praça foi bruscamente alterado com a instalação do Palácio da Cultura, situado de frente para a Avenida Epaminondas, ocupando parte considerável da praça. O aspecto arquitetônico alterou completamente a paisagem urbana da época, iniciando-se a segunda camada marcada por esta reforma.

3.2 SEGUNDA CAMADA (1962 A 2010)

De 1962 a 2010, a instalação do Palácio da Cultura durante o primeiro governo de Gilberto Mestrinho, no período de 1959 a 1963, as mudanças ocorridas na Praça ocasionaram reações em cadeia quando da instalação de um prédio construído como o propósito de abrigar a Sociedade de Habitação do Estado do Amazonas-SHAM (1975). Em decorrência das manifestações públicas, o desejo de cidade produz um novo estrato, em que a vontade popular se volta para o lazer, diversão, comida e feiras. Emergiram propostas culturais que atraíam o turismo local, como a instalação do Avião DC-3 em 1977; a construção do Anfiteatro em 1986, além das feiras de artesanato indígena, brinquedos, entre outros. No interior desta segunda camada, ocorreram sub-reformas como é possível notar na Figura 2. Todavia, com a demolição do antigo Palácio da Cultura, em 2010, o espaço é revitalizado, marcando, como isso, o fim da segunda camada.

3.3 TERCEIRA CAMADA (2010 A 2026)

Já na reta final da gestão municipal do então Prefeito Serafim Corrêa, no período de 2005 a 2009, contando com o apoio do Senador Jefferson Peres, aquele prédio da SHAM é demolido, dando-se a martelada inicial para o processo de resgate da Praça da Saudade, de acordo com o relato do próprio Serafim Corrêa (2015), publicado em seu blog. Já em 2010, o então prefeito Amazonino Mendes, entrega à população, a Praça da Saudade aos moldes de *antigamente*, ou seja, no traçado original, todavia, com algumas diferenças por influência dos processos urbanísticos de resgate do centro histórico, cujas mudanças foram impulsionadas, na época, por Robério Braga, Secretário Municipal de Cultura. Esta é a última camada, aqui identificada como sendo a terceira. É o atual nível mais superficial que se tem uma praça para ver o tempo passar; sem brinquedos, sem bancos longos, sem tanque, sem avião. Uma praça destinada à contemplação mas de maneira anacrônica, visto que o uso e função do projeto original atendia ao primórdio desejo de cidade completamente oposto aos desejos vigentes.

Vê-se portanto que no presente estudo a história da Praça da Saudade em Manaus foi metodologicamente dividida em camadas de acordo com

o tempo em que as reformas foram instauradas. Conforme a Figura 2, ao total, foram cinco reformas e seis subcamadas, levando-se em consideração aqueles 67 anos de fundação (1865-1932) em que o logradouro era somente uma praça espontânea. São, portanto, as temporalidades que vão imprimindo no cenário urbano o desejo de cidade, seja pelos projetos arquitetônicos acionados pelos dirigentes locais ou pela vontade advinda dos habitantes de Manaus.

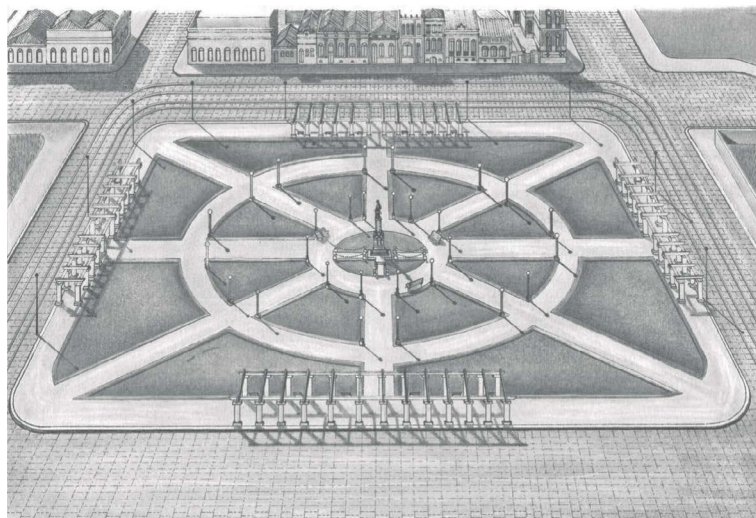
Apartir da cronologia ora apresentada verifica-se que as temporalidades, em síntese, contemplam os 161 (cento e sessenta e um) anos do marco zero (1865) em que, na cidade, se instituiu o *sentimento da saudade*. A propósito da cronologia identificada através das camadas sobrepostas (Figura 2) convém, agora, enveredar por uma tessitura analítica acerca da visão ecossistêmica comunicacional engendrada com e a partir das revitalizações porque passou a Praça da Saudade. Tais reformas estão iconograficamente materializadas nas *camadas sobrepostas pelo tempo*, conforme propõe o assunto a seguir.

4 TRANSITANDO EM MEIOS ÀS CAMADAS SOBREPOSTAS PELO TEMPO

Para dar conta desse ecossistema comunicacional, contou-se com o trabalho do artista plástico Elvis Esteban, cujas ilustrações, registradas abaixo, foram confeccionadas à mão livre, e correspondem às cinco reformas realizadas na Praça da Saudade. Assim, as cidades invisíveis – construídas a partir da memória do cotidiano e da ficção que o acompanha –, estão aqui identificadas nos desenhos do artista com traços que delineiam cada camada da Praça soterrada. Assim, caminhamos dialogando com essas duas formas de linguagem: verbal e a não-verbal.

O projeto original da Praça da Saudade, considerado a *primeira camada*, como visto na Figura 3, está representado abaixo. Isto sugere afirmar que em 1932 Manaus recebeu seu primeiro projeto urbanístico, alterando o contexto visual da cidade com a passagem da praça *espontânea* para a praça *formal*. Os passeios, canteiros de jardins e caramanchões são elementos urbanos que caracterizam a formalidade da Praça, agregando-se ao ápice do caráter patriótico aí identificado, sobretudo com e a partir da instalação do monumento em homenagem a Tenreiro Aranha, o primeiro presidente da Província.

Figura 3 – Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1932



Fonte: Elvis Esteban, 2020.

A presença dos trilhos do bonde, das ruas de paralelepípedos e bangalôs configura essa dimensão da temporalidade que Manaus atravessou. Trata-se de um cenário que reafirma a importância da Praça como espaço; não apenas de lazer, mas também do momento cívico, patriota e extremamente formal que valoriza as autoridades governamentais e demarca, na cidade, o lugar para a obediência e rigidez das leis e normas que regem a então recém-formada República.

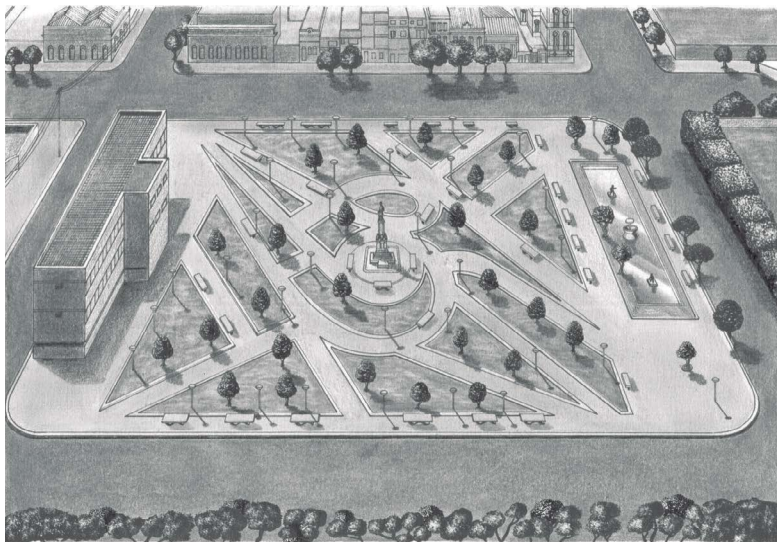
Aliás, há que destacar a incompatibilidade entre a escolha do nome da Praça como preferência do povo sob a designação de “Saudade” e a maneira como os criadores da regra – aliados juridicamente aos impositores das leis – conseguem impregnar no imaginário dos habitantes, chancelando a Praça sob a nomenclatura de “Cinco de Setembro” em alusão à elevação do Amazonas à Categoria de Província. Esta supervalorização a respeito da qual a cidade deve obrigatoriamente seguir, tanto à ordem quanto ao progresso, revela o caráter autoritário com que os governantes impõem seus símbolos à nossa história, elegendo-os a seu bel prazer rotulações a esses heróis. Assim, ficam patenteadas quais as imagens que devemos venerar e identificar como parte de nós mesmos.

Manaus, estagnada economicamente em decorrência do declínio daquele período áureo da borracha, a cidade volta-se à procura de referências próprias rumo ao que se convencionou chamar de *modernidade*. A função da

Praça passa atender às necessidades modernas do homem privado. Por isso, o então governador, Gilberto Mestrinho, decide instalar, no perímetro da Praça, o prédio do Palácio da Cultura, popularmente conhecido *a posteriori* como “o Prédio da SHAM”, em alusão ao programa Sistema Habitacional do Amazonas.

A imagem abaixo (Figura 4) retrata a Praça da Saudade como antes nunca registrada. Como dito anteriormente, trata-se da sensibilidade artística expressa no trabalho de Elvis Esteban ao identificar a Praça, reproduzindo-a criativamente por via de algumas imagens fotográficas que não propiciavam esta visão de topo.

Figura 4 – Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1962, demarcando o início da segunda camada histórica



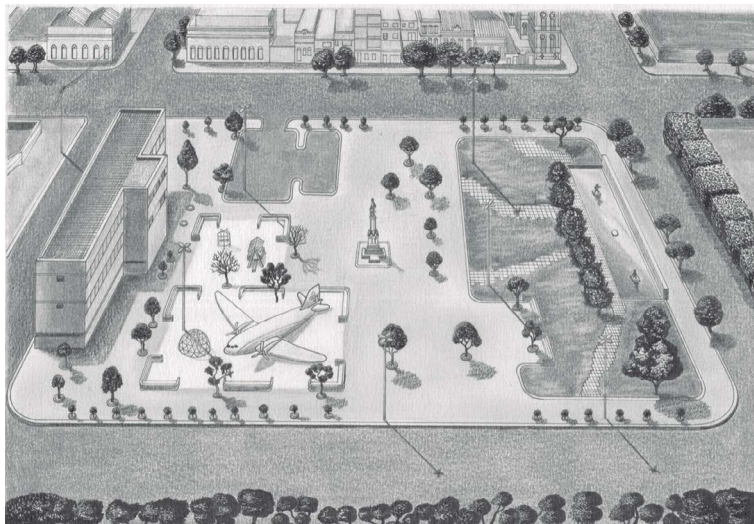
Fonte: Elvis Esteban, 2020.

Dividida em três setores: prédio, passeios e espelho d'água, a Praça obteve, pela primeira vez, os traços de desenho urbano totalmente renovado. Uma espécie de visual idealizado como “futuro para a cidade”, rompendo com a memória do que ficou no passado. Com a construção do dito Palácio da Cultura, posicionado à frente da Praça, o Atlético Rio Negro Clube foi atingido com esta reforma ao perder o alcance de visualização da bela paisagem que outrora servira de cartão postal da cidade.

Pouco tempo depois, a Praça, em 1975, durante o governo municipal de Jorge Teixeira, passa a ser popularmente conhecida como “Praça do Avião”. Uma simbologia “viva” da aviação, certamente pelo fato de que

a cidade, influenciada pela expansão da Zona Franca de Manaus, volta a deslumbrar-se com a paisagem urbana moderna, perdendo parte de seu espaço para construção de um estacionamento, visando atender aos motoristas trabalhadores do prédio da Secretaria Estadual de Educação-SEDUC, antigo espaço reservado ao Palácio da Cultura.

Figura 5 – Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1975, muito conhecida popularmente como “Praça do Avião”

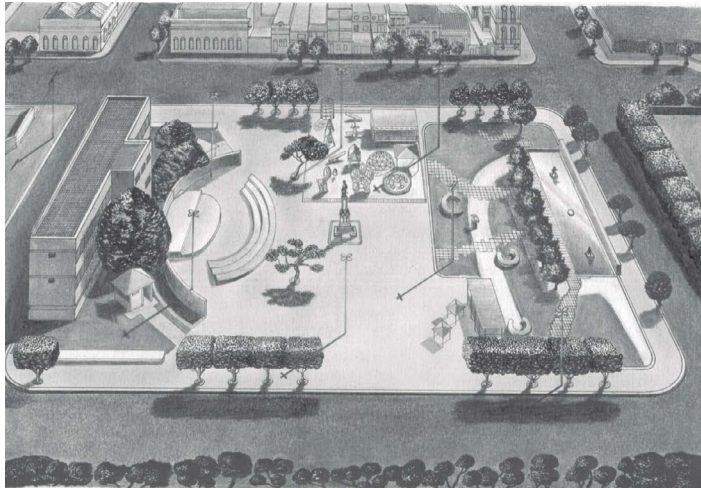


Fonte: Elvis Esteban, 2020.

A partir do projeto urbanístico demonstrado na Figura 5, as crianças daquela Manaus ganham na Praça um lugar para entretenimento e diversão, com alguns brinquedos. A expansão do comércio automobilístico crava sobre o cimento a contemplação da paisagem urbana já modificada, distante dos trilhos dos bondes e mais próxima do que se convencionou chamar de *modernidade*, onde predomina a indiferença ao Outro e rapidez das relações individualistas no contexto da cidade.

Talvez por um dever de consciência, a penúltima reforma da Praça (Figura 6) inaugura um novo uso; um novo desejo de cidade contemporânea que busca por aparatos culturais para satisfazer o *ser* cultural ao mesmo tempo em que dá continuidade aos espaços de lazer dedicados à infância. Em 1986, ganha, durante a gestão municipal do então prefeito Manoel Ribeiro, o anfiteatro, tornando possível o uso do local para fins artísticos, teatrais além de feiras indígenas, encontros de capoeiristas, entre outros.

Figura 6 – Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1986, a camada aqui posta como “Praça Cultural”

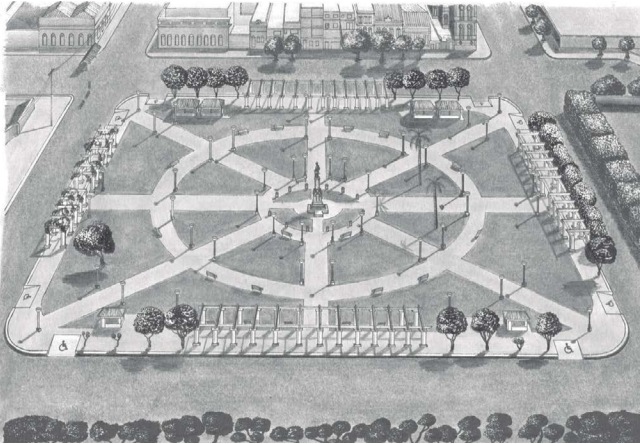


Fonte: Elvis Esteban, 2020.

Além da predominância do direito ao lazer e cultura, a Praça revela-se para a cidade como o “início” dos crimes praticados por desviantes infratores, em sua maioria, menores de idade ou “meninos em situação de rua”. A mídia clama nas matérias por intervenção urgente dos impositores da regra. Entra em cena a força policial e os jornais estampam em suas manchetes clamores relativos aos desviantes: “São urgentes medidas repressivas e impõe-se um policiamento ostensivo e permanente. De outra forma, a Praça da Saudade poderá vir a tornar-se mais um covil ou QG para bandidos e viciados”. Trata-se de notícias veiculadas em 4 de setembro de 1980, na coluna de Couto Rodrigues “Do dia para a noite”, publicada no *Jornal do Commercio*.

A propósito do noticiado acima, adentramos aqui uma nova temporalidade: a *terceira camada*. Em tempos recentes, como registrado abaixo na Figura 7, esta camada se depara com uma praça que, se comparada à camada anterior, dispõe de pouquíssimos atrativos culturais. As barracas de lanche e os brinquedos já não existem mais. De acordo com Martins e Santos (2021), sob a ótica do planejamento urbano, a falta de qualidade espacial pode levar à homogeneização dos espaços, à perda da vitalidade urbana e da urbanidade. Em face disso, infere-se que: “Muitas vezes as reivindicações da população versam sobre a implantação de equipamentos e mobiliário urbano” (Martins, Santos, 2021, p. 251). Para tanto, o ordenamento urbano, é

um aspecto importante a ser considerado na produção de espaços públicos. Figura 7 – Ilustração da Praça a Saudade após a revitalização de 2010, com a retomada do projeto original de 1932



Fonte: Elvis Esteban (2020)

Ao percorrer os períodos das camadas sobrepostas pelo tempo verifica-se que a qualidade espacial pode ser avaliada em termos de aspectos como a funcionalidade, a estética, a acessibilidade, a segurança, a sustentabilidade e a capacidade de promover interações sociais e culturais. Hoje, a praça insiste e resiste aos designios a que foi ou continua sendo submetida. Rodeada de bares e, aberta ao mercado da informalidade, o espaço agrega bastante movimento, todavia, paradoxalmente, expressa certo vazio ao agregar em sua essência a ausência ou quem sabe a presença do sentido atribuído ao sentimento *saudade* da Praça da Saudade. Quadro, esse, profundamente alterado por uma série de tiroteios e assassinatos, noticiados com frequência pelos portais e jornais locais, motivo pelo qual o público foi diminuindo consideravelmente, como demonstram as imagens constantes do Painel de Notícias acima registrado (Figura 1).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por entre passeios pela Praça da Saudade, foi possível verificar a alteração quanto ao uso e sentido daquele espaço: de uma praça espontânea, resultado do acaso e do desejo da população à praça moderna; da praça moderna à praça cultural que, por fim, chega-se à terceira camada, adquirindo características de revitalização da Praça ao projeto original.

Investigar e cruzar estes caminhos da pesquisa aliados à criação visual de conteúdo das camadas permitiu melhor absorção das ideias transmitidas a partir do ecossistema comunicacional da Praça da Saudade.

O último modelo da Praça trata de um projeto urbanístico que não leva em consideração os usos que a própria cidade faz dos seus espaços. A praça que antes detinha grande importância cultural virou um grande vazio. Atualmente, projetou-se a vontade de retomada do projeto original, todavia, o que se vê é o abandono da praça mediante a uma situação propícia à violência. Assim, dada a indiferença do poder público, a população nos diversos estratos e grupos ficou desprovida da Praça como espaço deveras ou outrora privilegiado. Ao mesmo tempo, a Praça não parece ter sido assimilada pelos projetistas e pela própria cidade, a propósito de uma praça que, na época, nasce de frente para um cemitério. Sobre as reformas e revitalizações, ao que parece, a cidade não soube o que fazer e a população que faz uso da praça, por certo não foi consultada, ouvida.

Ao escavarmos todas estas camadas e retornarmos à superfície, a visão epistemológica que a pesquisa acionou organiza uma maneira de compor o ecossistema comunicacional da Praça da Saudade, ao englobar vários símbolos, sentidos e significados que pertencem ao cotidiano na cidade. Em meio a camadas, subcamadas e memórias soterradas, imprescindível se torna rever certas posturas de cunho político no sentido de subverter o que nos é imposto, competindo, portanto, aos segmentos populares a missão de questionar, debater e propor mudanças significativas a lugares que por serem públicos pertencem ao povo.

É primordial destacar a importância da participação popular na gestão democrática dos espaços públicos, afinal como propõe Chauí (1992), no que se refere ao direito a cidade, é urgente o diálogo com a população por via de formulários, entrevistas ou enquetes para responder a pergunta latente, por exemplo, a respeito das imagens objetivadas em bustos, rendendo-se homenagem a quem sequer a população sabe de quem se trata.

Há que, nomeadamente, reivindicar junto à imprensa alternativa formas de comunicação que envolvam projetos populares; uma outra forma de postura cujo princípio dialógico deve fundar-se no compromisso da participação, buscando a construção da unidade entre os opostos com vistas a estabelecer o consenso em meio à diversidade. Esse princípio pode ser construído por via de projetos que contemplem interesses dos trabalhadores em geral, permitindo a outros segmentos opinarem, por exemplo, acerca de quais representações são por eles nomeadamente acionadas e registradas

por via de bustos e monumentos ou aos nomes de rua, praças, entre outros logradouros públicos. Infere-se, pois, que somente desta forma, ou seja, com a democrática participação popular no planejamento urbano é que se pode corroborar com a preservação da memória e da identidade cultural da cidade de Manaus. Mourthé (1998) reafirma que quando se presta um serviço digno a sociedade, esta é capaz de exercer o respeito e cuidado perante aos mobiliários urbanos.

A propósito disso, a pesquisa cumpriu com o objetivo proposto visto que, para facilitar a compreensão acerca do nível de complexidade comunicacional, as informações, imagens e o exame teórico dos fatos adquiriram a morfologia ecossistêmica de raízes e caminhos que incentivaram examinar as teias invisíveis que cercam e abarcam o contexto urbano da cidade de Manaus.

Logo, o método de abordagem e os de procedimentos operacionais foram consubstanciados através do exercício proposto numa contra narrativa e, assim, rompeu-se com o ofuscado espelho mídia. A partir daí, revelaram-se formas de conhecimentos e saberes assimilados, conseqüentemente, conquistados ao longo deste processo que se propôs desvelar no espaço Praça da Saudade as trajetórias percorridas, quais sejam: escavar memórias, histórias e sentimentos subjacentes ao que aqui denominamos de camadas sobrepostas.

REFERÊNCIAS

A CRÍTICA, 2017. NUNES, P. A. **Parte de amazonenses e residentes em Manaus não sabem história do 5 de Setembro**. Disponível em: <https://www.acritica.com/parte-de-amazonenses-e-residentes-em-manaus-n-o-sabem-historia-do-5-de-setembro-1.95134>. Acesso em: 5 dez. 2017.

A CRÍTICA, 2017. OLIVEIRA, F. **Praça da Saudade ‘ganha’ sinalização para alertar sobre bandidos**. Disponível em: <http://acritica.com/manaus/praca-da-saudade-ganha-sinalizac-o-para-alertar-sobre-bandidos-1.190960>. Acesso em: 10 set. 2017.

A CRÍTICA, 2019. MELO, L. G. **Abandonada, Praça da Saudade virou ponto de assaltos e cenário de tiroteios e mortes**. Disponível em: <https://www.acritica.com/manaus/abandonada-praca-da-saudade-virou-ponto-de-assaltos-e-cenario-de-tiroteios-e-mortes-1.69835>. Acesso em: 11 jul. 2019.

A CRÍTICA, 2019. QUEIROZ, J. **Praça da Saudade é disputada pelas facções FDN e Comando Vermelho, diz delegado**. Disponível em: <https://www.acritica.com/manaus/praca-da-saudade-e-disputada-pelas-facc-es-fdn-e-comando-vermelho-diz-delegado-1.71984>. Acesso em: 22 jun. 2019.

AMAZONAS ATUAL, 2018. **Abandonada, Praça da Saudade em Manaus sofre depredação e vandalismo**. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/abandonada-praca-da-saudade-em-manaus-sofre-depredacao-e-vandalismo/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ANDRADE, M. B. M. **Cidade mítica: uma poética das ruínas ou a cidade vista pelo imaginário do artista**. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

BAHIA, M. C. (et. al.). Espaços públicos urbanos como lugares de lazer, sociabilidade e memória. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 17, n. 2, p. 303-324, jul./dez. 2014.

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHAUÍ, M. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. *In*: DPH. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: PMSP, 1992. p. 9-43.

CORRÊA, S. **Túnel do tempo: a história recente da Praça da Saudade**. **Blog do Sarafa**, [s. l.], 2 jun. 2015. Disponível em: <https://www.blogdosarafa.com.br/24045/>. Acesso em: 27 mar. 2019.

DOMINGUES, I. **Conhecimento e transdisciplinariedade**. Belo Horizonte: Editora UFMG: IEAT, 2001.

DUARTE, D. M. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009.

DUARTE, E. Desejo de cidade - múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade. *In*: PRYSTHON, A. (org.). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 100-114.

GOÉS, B. S. **Explorações semióticas do Prosamim: um estudo ecossistêmico da comunicação a partir da dinâmica da semiose no Parque Residencial Manaus e no Parque Rio Negro.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém: Cejup, 1995.

MARTINS, D. L.; SANTOS, L. L. O espaço público construído das cidades brasileiras: o ativismo projetual do planejamento urbano versus ocupação. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 24, n. 3, p. 239-258, set./dez. 2021.

MESQUITA, O. M. **Manaus: história e arquitetura – 1852-1910.** 3. ed. Manaus: Valer: Prefeitura de Manaus: Uninorte, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução do francês: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

MOURTHÉ, C. **Mobiliário urbano.** Rio de Janeiro: 2AB, 1998.

PORTAL G1, 2017. **Fiscalização fecha bares da Praça da Saudade por irregularidades, em Manaus.** Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/fiscalizacao-fecha-bares-da-praca-da-saudade-por-irregularidades-em-manaus.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2017.

PORTAL G1, 2018. MARQUES, R. **Imigrantes montam acampamento em praça no Centro de Manaus.** Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/imigrantes-montam-acampamento-em-praca-no-centro-de-manaus.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2018.

PORTAL G1, 2019. MARQUES, P. **Dupla é morta em tiroteio na Praça da Saudade, em Manaus.** Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/01/dupla-e-morta-em-tiroteio-na-praca-da-saudade-em-manaus.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2019.

PORTAL G1, 2019. **Quatro pessoas são presas suspeitas de envolvimento em duplo homicídio na Praça da Saudade, em Manaus.** Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/02/quatro-pessoas-sao-presas-suspeitas-de-envolvimento-em-duplo-homicidio-na-praca-da-saudade-em-manaus.ghtml>. Acesso em: 2 ago. 2019.

PORTAL DO HOLANDA, 2019. **Três mortes foram registradas em menos de uma semana em praça de Manaus.** Disponível em: <https://www.portaldoholanda.com.br/drogas/tres-mortes-foram-registradas-em-menos-de-uma-semana-em-praca-de-manaus>. Acesso em: 1 nov. 2019.

PORTAL DO HOLANDA, 2019. **Dois homens são mortos a tiros por dupla misteriosa em praça de Manaus.** Disponível em: <https://www.portaldoholanda.com.br/centro-de-manaus/dois-homens-sao-mortos-tiros-por-dupla-misteriosa-em-praca-de-manaus>. Acesso em: 1 ago. 2019.

RODRIGUES, C. Do dia para a noite. **Jornal do Commercio**, Manaus, 4 set. 1980. Caderno 1, Política, p. 5. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 27 mar. 2019.